

**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação Lato Sensu

Campus Duque de Caxias

Ana Cristina de Santana Dias Lima

**ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO/DESMOTIVAÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO CURSO
NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CARLOS PASQUALE, EM NILÓPOLIS, QUANTO À
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM VISTAS À SUA PRÁTICA FUTURA COMO
PROFESSOR GENERALISTA.**

Duque de Caxias, RJ

2018

Ana Cristina de Santana Dias Lima

ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO/DESMOTIVAÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO CURSO NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CARLOS PASQUALE, EM NILÓPOLIS, QUANTO À APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM VISTAS À SUA PRÁTICA FUTURA COMO PROFESSOR GENERALISTA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Especialização em Educação Física Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Educação Física Escolar .

Orientadora: Prof^a. Doutora Fernanda Pereira Toste Izidoro

Duque de Caxias, RJ

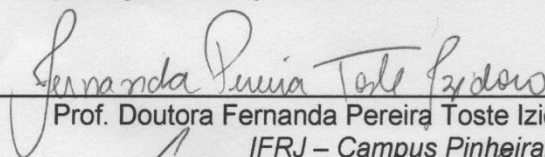
2018

Ana Cristina de Santana Dias Lima

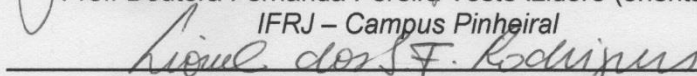
ANÁLISE DA MOTIVAÇÃO/DESMOTIVAÇÃO DOS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO CURSO NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CARLOS PASQUALE, EM NILÓPOLIS, QUANTO À APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM VISTAS À SUA PRÁTICA FUTURA COMO PROFESSOR GENERALISTA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar do Instituto Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista.

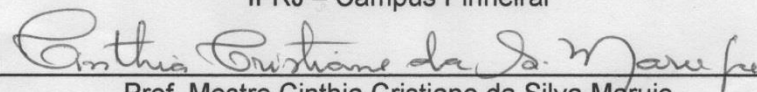
Data de aprovação: 06 de julho de 2018.



Prof. Doutora Fernanda Pereira Toste Izidoro (orientador)
IFRJ – Campus Pinheiral



Prof. Mestre Lionel dos Santos Feitosa Rodrigues
IFRJ – Campus Pinheiral



Prof. Mestre Cinthia Cristiane da Silva Marujo
SME - RJ

Duque de Caxias - RJ
2018

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e documentação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

L732a Lima, Ana Cristina Santana Dias

Análise da motivação/desmotivação dos alunos do terceiro ano do curso normal do Instituto de Educação Carlos Pasquale em Nilópolis, quanto à aprendizagem de educação física com vistas à sua prática futura como professor generalista / Ana Cristina Santana Dias Lima. – Duque de Caxias, RJ, 2018.

1 CD ROM.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Especialização em Educação Física Escolar, 2018.

Orientação: Fernanda Pereira Toste Izidoro.

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Educação física - Metodologia. 3. Formação de professores.

CDU: 796

LIMA, A.C.S.D. *Análise da motivação/desmotivação dos alunos do terceiro ano do curso Normal do Instituto de Educação Carlos Pasquale, em Nilópolis, quanto à aprendizagem da Educação Física com vistas à sua prática futura como professor generalista*. 20 páginas. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ), Campus Duque de Caxias, Duque de Caxias, RJ, 2018.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar se os alunos, do terceiro ano Normal do Instituto de educação de Nilópolis, se sentem motivados quanto ao seu conhecimento sobre as metodologias de ensino de educação física e ainda, se estão atualizados quanto à legislação de ensino específica da área e se esses fatores afetariam sua motivação em sua futura prática docente. A metodologia utilizada foi qualitativa e nossa amostra foi composta de 40 alunos do Instituto. Concluímos que a maioria da amostra conhece algum tipo de metodologia de ensino, mesmo que seja tradicional ou higienista e que também, a maioria dos entrevistados, concorda com a lei no. 7195/16, que obriga que todas as aulas de educação física no Estado do Rio de Janeiro sejam dadas por professores especialistas com nível superior, e que a mesma pode influenciar positivamente a sua prática docente. Outros estudos se fazem necessários para melhor avaliar a formação didática pedagógica, em educação física, dos futuros professores generalista, além da implantação da referida lei e a qualidade das aulas, nos anos iniciais no Estado do Rio de Janeiro após sua implantação.

Palavras-chave: Educação física escolar 1. Motivação 2. Professor generalista 3. Metodologia da educação física 4. Desmotivação 5. Formação de Professores 6.

LIMA, A.C.S.D. *Análise da motivação/desmotivação dos alunos do terceiro ano do curso Normal do Instituto de Educação Carlos Pasquale, em Nilópolis, quanto à aprendizagem da Educação Física com vistas à sua prática futura como professor generalista*. 20 páginas. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ), Campus Duque de Caxias, Duque de Caxias, RJ, 2018.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze if the students of the third year of Normal of the Institute of education of Nilópolis feel motivated as to their knowledge about the methodologies of education of physical education and still, if they are updated as far as the legislation of specific education of the area and whether these factors would affect their motivation in their future teaching practice. The methodology used was qualitative and our sample was composed of 40 students from the Institute. We conclude that the majority of the sample knows some kind of methodology of teaching, even if it is traditional or hygienist and that, also, the majority of the interviewees, agrees with the law no. 7195/16, which requires that all physical education classes in the State of Rio de Janeiro be given by specialist teachers with a higher education level, and that it may positively influence their teaching practice. Other studies are necessary to better evaluate the didactic pedagogical training in physical education of the future generalist teachers, besides the implementation of said law and the quality of classes, in the initial years, in the State of Rio de Janeiro after its implementation.

Keywords: School physical education 1. motivation 2. general teacher 3. physical education methodology 4. Discouragement 5. Preparing teachers 6.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Há 15 anos trabalhando com educação física, me deparei com experiências bem antagônicas no que se refere à motivação dos alunos em relação às aulas práticas de educação física. No ensino fundamental I, a maioria dos alunos faz as aulas com prazer, o que vai diminuindo no fundamental II até chegar ao ensino médio, com um grande número de alunos desmotivados. A observação desta diferença de entusiasmo e participação dos alunos nos diferentes ciclos de ensino, sempre foram motivos de interesse e de estudo, fazendo com que atenção se voltasse à formação dos professores que irão ministrar as aulas de educação física nos primeiros anos de ensino, visto que é nesta fase que se observa maior interesse pela disciplina por parte dos alunos e que, somado a isso, segundo Darido (2004), os “alunos identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não da disciplina”.

De acordo com a Lei 9.394/96, no artigo 26, & 3º e que, posteriormente, foi modificado pela Lei 10.793/2003, “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa em alguns casos específicos.” No parecer CNE/CEB 16/2001, tem-se a orientação que aparece na resolução nº 7 de dezembro de 2010, do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2010) que “do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, os componentes curriculares, educação física e artes, poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes”, prevê o artigo 31. Mais recentemente, o estado do Rio de Janeiro sanciona a lei 7195/16 obrigando as aulas de educação física nas escolas do estado, públicas ou privadas, da educação infantil, fundamental ou médio, serem dadas por professor especialista, licenciados em nível superior. Essa lei passou a valer em 2018 e admite que o professor especialista seja o profissional mais adequado para lidar com a disciplina. Mas a referida lei só é válida no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, o que ainda é muito pouco, se considerarmos todo o território nacional.

Mesmo com esses avanços na legislação, ainda existem muitos municípios brasileiros que não possuem aulas de Educação Física sistematizadas nas escolas nos anos iniciais do ensino fundamental, e quando possuem, há falta de docentes especialistas para exercer tal função. Os municípios utilizam-se dos professores generalistas para dar atividades recreativas à essas crianças, nem sempre apresentando uma sistematização da prática pedagógica, ou seja, com objetivos, conhecimentos dos conteúdos, metodologia de ensino, bem como de avaliação, orientada para a aprendizagem de conhecimentos na área, necessários para as crianças (BRANDL e BRANDL NETO, 2015). Esta prática recorrente perpassa pelo senso comum existente em nossa sociedade de que a educação física não

proporciona pensamento crítico e que não expressa conhecimento (DAOLIO, 1993). E ainda, o profissional generalista, muitas vezes envolvido com um número muito grande de disciplinas e conteúdos, pode acabar deixando “de lado” as aulas de educação física (SOUSA et al., 2016). Isso pode ocorrer pelo fato do professor generalista não se sentir capacitado pela sua formação acadêmica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) preconizam que a criança, mesmo antes da idade pré-escolar, demonstra seus sentimentos através dos movimentos. Muito mais que deslocar-se no espaço, o movimento é uma linguagem que permite a interação criança/mundo. Os movimentos de andar, correr, arremessar, saltar são culturalmente construídos pelo homem através da história, formando a cultura corporal, que se expressa em diferentes linguagens como a dança, o jogo, as brincadeiras, as práticas esportivas etc, nas quais se faz “uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais com intencionalidade” (PCN, 1998). Segundo os PCNs (1997), “a Educação Física, nessa fase escolar, deve adotar uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busquem o desenvolvimento da autonomia, a cooperação e a participação social”. Mais que repetição de gestos, é necessário que o aluno se “aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual” (PCN, 1997). O jogo/brincadeira quando bem orientados, democraticamente, na sua forma de criação e prática, estimula a criatividade, a criticidade e o cognitivo, além de melhorar também o sentido de ajuda e cooperação entre os praticantes. Os benefícios psicofísicos, fisiológicos e para a saúde da criança são inestimáveis. (DAOLIO, 1996).

Neste sentido, a formação de um professor generalista tem de ser responsável e deve refletir constantemente sobre sua práxis pedagógica, e possui ainda uma abrangência enorme em termos de conteúdo e especificidades metodológicas o que torna mais complexa sua formação inicial e continuada. Cabe ao professor generalista trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos, provenientes das diversas áreas de conhecimento (ZAINKO et al.,2001).

As metodologias de ensino da educação física foram historicamente construídas e o conhecimento destas auxilia, tanto na formação do futuro docente, quanto no processo de ensino-aprendizagem do seu discente. As tendências educacionais da educação física podem ser separadas em dois períodos: a Tradicional, onde o professor é o detentor do saber e o aluno depositário desse conhecimento e a Progressista, onde o aluno é coparticipante do processo de ensino e o professor também aprende ao ensinar (OLIVEIRA,1997). Oliveira (1997) também relaciona cinco tendências da Educação Física, que foram mudando ao longo da história: Higienista (1930); Militarista (1930-1945); Pedagogicista (1945-1964);

Competivista (pós 1964) e Popular. Na tendência educacional Progressista encontramos as: concepções abertas no ensino da educação física que coloca o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, e não os conteúdos ou o professor. Nela o aluno deve ser capaz de ter um comportamento crítico, reflexivo e autodeterminado (HILDEBRANDT,1986). Na mesma tendência Progressista, temos a Metodologia crítico superadora, onde a escolha dos conhecimentos da educação física deve prever a origem desse conhecimento, sua relevância social e real necessidade de apreendê-los. Seus temas surgem da cultura corporal, que utiliza a expressão corporal como linguagem: jogo, dança, ginástica, capoeira e esportes (COLETIVO DE AUTORES, 2012). E a Metodologia crítico-emancipatória, idealizada por Elenor Kunz (1994), preocupa-se com a cultura corporal de movimento, esporte e suas transformações sociais e seus conteúdos são o esporte, a dança e atividades lúdicas (OLIVEIRA, 1997).

A importância da Educação física para os anos iniciais já é destaque em muitos países e também vem sendo estudados/recomendados no Brasil. Na década de 1980, surgiu a educação Psicomotora, primeiro na França, depois no Brasil, como proposta para os anos iniciais (MELLO, 1989). Busca a formação integral do aluno por meio da reabilitação, readaptação e integração, abandonando os esportes para se utilizar dos esquemas motores, coordenação óculo motora e lateralidade. Trata o esporte, a dança e a ginástica como inapropriados aos alunos (SOLER, 2003). Construtivismo: Cada criança traz uma bagagem própria, que deve ser valorizada pelo professor. Este é mais um facilitador da construção do conhecimento pela criança, que elabora sua ação a partir das resoluções de problemas (SOLER, 2003). Desenvolvimentista: acredita que o indivíduo aprende pelo movimento e para o movimento. De acordo com essas abordagens, a criança precisa ser olhada como um ser integral (cognitivo, afetivo e motor). Devemos ainda respeitar as crianças como seres complexos, multifacetados e com amplo conhecimento prévio, e a educação física ajudará educar essa criança legitimando-a na escola (GALLAHUE e DONNELLY, 2008). Observamos assim, que o estudo das diversas abordagens ao longo do tempo, vem corroborando e demonstrando a importância e atenção que deve ser empreendido com a educação física nos anos iniciais.

Ainda assim, muitos municípios não entendem a educação física como disciplina fundamental para as crianças nos anos iniciais do ensino fundamental e sim como atividade, além de se respaldarem pela resolução nº 7 de dezembro de 2010 do CNE, e colocam o professor generalista para ministrar atividades recreativas, podendo prejudicar o desenvolvimento dessas crianças, quando não tão bem preparados (BRANDL e BRANDL NETO, 2015).

O professor tem papel importante na relação do aluno com seu aprendizado. Ele deve estar atento e preparado, metodológica e didaticamente, para perceber as reais necessidades de seu educando e ajudá-lo a avançar, sem ser um agente desmotivador para o mesmo (CHICATI, 2000).

Diversos autores têm discutido sobre quem deve dar aulas de educação física nos anos iniciais, e a conclusão é que o professor mais bem preparado e que conhece melhor a criança, suas características e os métodos pedagógicos relacionadas à infância é quem deve ministrar as aulas de educação física, não excluindo o professor generalista. Assim, seus currículos devem ter disciplinas que orientem sobre a criança, como o crescimento e desenvolvimento, educação física na infância, prática de ensino/estágio supervisionado em educação física (com boa carga horária de regência), recreação e lazer, ginástica rítmica, didática voltada para os anos iniciais, políticas para educação e educação física (BRANDL e BRANDL NETO, 2015).

Diante do exposto, se faz necessário avaliar a motivação dos futuros professores generalistas quanto à sua formação, no que concerne aos conteúdos didáticos pedagógicos específicos da educação física, bem como quanto ao conhecimento dos conteúdos e de sua aplicação, dada a importância destes para nortear a práxis pedagógica na educação física escolar. Em acréscimo, buscamos saber sobre o conhecimento destes futuros professores quanto à lei 7195/16 do estado do Rio de Janeiro no que tange à atualização destes sobre a regulamentação específica da educação física e se a mesma poderia influenciar sua motivação em relação à sua prática.

Dessa forma, o presente artigo buscou avaliar a motivação/desmotivação dos alunos do Instituto de Educação Carlos Pasquale (da cidade de Nilópolis), do último ano do ensino normal, no que se refere ao conhecimento metodológico das tendências de ensino, buscando compreender o quanto isso pode influenciar em sua prática, ao ministrarem aulas de educação física nos primeiros anos do ensino fundamental, buscando assim, corroborar para o aprofundamento das discussões sobre esse tema.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Verificar se os alunos do terceiro ano do curso normal, do Instituto de Educação Carlos Pasquale, em Nilópolis, estão motivados com a prática da educação física e sua formação na área e se isso pode influenciar no interesse pelas suas futuras aulas como professor generalista.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.2.1. Compreender a percepção do futuro professor generalista quanto à sua formação didático-pedagógica.

2.2.2. Investigar como isso se refletirá em sua motivação/desmotivação para o ensino da educação física.

2.2.3. Verificar se o aluno do ensino médio normal está atualizado com a legislação acerca da educação física, sua motivação/desmotivação com a realidade educacional e se isso pode vir a constituir uma influência positiva em sua futura prática docente.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa se deu através de uma abordagem qualitativa (LUDKE e ANDRÉ,1986) do tipo descritiva. Foi feita uma entrevista, em que foi aplicado um questionário composto de oito questões abertas.

A amostra foi composta pelos alunos do terceiro ano do ensino médio normal, por estarem mais próximos à conclusão de sua formação, do Instituto de Educação Carlos Pasquale do Município de Nilópolis.

O Instituto foi escolhido porque atende às normalistas de Nilópolis e outros municípios da região metropolitana I (Mesquita, Nova Iguaçu, Queimados e Japeri) e que, (segundo a reportagem do Extra Online (2014),) tem investimentos públicos muito precários, e onde a quantidade de licenciados não é suficiente para a demanda dos municípios, e que, além disso, apresentam péssimas condições de trabalho, com baixos salários e falta de infraestrutura, onde ainda é grande a presença do professor generalista dando aulas de educação física nas classes dos anos iniciais.

O critério de exclusão utilizado foi a idade dos alunos. Os menores de idade não podiam assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e teríamos de aguardar que o consentimento (TCLE) fosse levado e trazido pelos alunos assinados pelos seus responsáveis, o que demandaria mais tempo e uma logística mais elaborada. Sendo assim, não foram incluídos no estudo.

Foram feitas duas visitas à escola, em dois dias da mesma semana, em abril de 2018, acompanhando o professor de educação física das turmas. Foi explicado o teor da pesquisa, e os alunos que assim concordaram, responderam livremente ao questionário. Dos 153 alunos presentes, nas cinco turmas do terceiro ano normal, 42 eram maiores de idade. Desses, 40 (n=40) responderam ao questionário. Apenas 2 alunos se recusaram a participar.

Todos os participantes do presente estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

A análise dos dados foi feita pelo método indutivo, que segundo Ludke e André (1986) é aquele onde "as abstrações se formam e se consolidam a partir da inspeção de dados num processo de baixo para cima".

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As duas primeiras perguntas do questionário “Quantas aulas de Educação Física você tem atualmente?” e “Essas aulas são teóricas ou práticas?” Tinham por objetivo entender a dinâmica das aulas de educação física no Instituto de Educação Carlos Pasquale. Observamos, através das análises das respostas da pesquisa, que as aulas são compostas de dois tempos por semana, o que está em conformidade com a Resolução nº 4746 de 30 de novembro de 2011, onde no capítulo III, que trata do ensino médio, das “unidades escolares de ensino integral”, no §2º. “As aulas deverão ser compostas por dois tempos de 50 minutos por semana”, SEEDUC (2011). A maioria dos respondentes disse que as aulas são teórico/prática (82,5%; n=33) e que, pela percepção de alguns entrevistados (17,5%; n=7), há mais teoria que prática. Segundo o coletivo de autores, as aulas devem proporcionar ao aluno uma percepção intencional completa do fazer/pensar/sentir, sendo organizada para isso (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Nas questões três e quatro pretendemos entender se o normalista está motivado com a educação física e se isso tem a ver com os conteúdos abordados por seu professor de educação física. Analisando primeiro a questão três, “Quais foram os conteúdos abordados pelo seu professor nas aulas de Educação Física que mais lhe interessou?” observamos que a maioria dos entrevistados (77,5%; n=31) citaram, entre outras coisas, primeiros socorros, que era o conteúdo que estava sendo abordado no dia da entrevista. Outros conteúdos lembrados foram: psicomotricidade (30%; n=12), brincadeiras infantis (10%; n=4), jogos competitivos (7,5%; n=3), jogos cooperativos (2,5%; n=1) e folclore (2,5%; n=1). Quatro alunos (10%) não souberam responder.

Na questão quatro, “Você se sente motivado para fazer essas aulas? Por quê?”, a maioria dos entrevistados disseram que se sentem motivados para fazer as aulas (87,5%; n=35). Quatro (10%) disseram que não se sentem motivados e um entrevistado (2,5%) disse que se sente motivado as vezes. Analisando as justificativas para as respostas positivas quanto à motivação dos entrevistados, vimos que os conteúdos têm sim papel muito importante na motivação dos mesmos. Dos 35 entrevistados, dezoito (45%), citaram coisas como “aprender a ensinar”, “conteúdos legais”, “a psicomotricidade me ajuda”. E acrescentamos que a escolha correta da metodologia parece ter papel importante nessa motivação também, pois treze (32,5%) dos futuros professores generalistas disseram, entre outras coisas que, “o professor cativa e envolve a turma”; “as aulas são dinâmicas”; “o professor é bom”; “o professor motiva e é responsável”; “as aulas são atraentes”, “os debates são atrativos”. Apenas quatro entrevistados (10%) disseram se sentirem motivados porque já “amavam” a disciplina antes de fazer o curso normal. Estes resultados corroboram com Darido

(2004) e Martins Junior (2000) que já apontavam que “os alunos identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não de uma disciplina” (DARIDO,2004). Interessante registrar também que, quatro alunos (10%) disseram não se sentirem motivados com a educação física. Desses, dois alunos responderam que essa aversão é anterior ao curso normal: “*sempre fui infeliz em sua prática*”, ou “*não gosto de fazer educação física*”. Segundo Marzinek (2004) e Pizani (2016), os fatores intrínsecos, “que incluem fatores internos, como o prazer, satisfação, força de vontade em realizar aulas de educação física” (MARZINEK,2004) estão ligados aos gostos e práticas dos seres humanos, e neste sentido, por serem futuros professores generalistas, terão que lidar com a diversidade de conteúdos inerentes à sua prática, o que aumentam as chances de não identificação com todos os conteúdos.

Na questão cinco: “você acha que está preparado para dar aulas de Educação Física a partir do conteúdo que aprendeu? Verificamos se o futuro professor generalista está confiante em sua preparação pedagógica em relação à Educação Física. A maioria dos entrevistados (72,5%; n=29) acredita estar preparada para lecionar a disciplina nos anos iniciais. Alguns justificaram suas respostas, com afirmativas do tipo: “tenho aulas de educação física e psicomotricidade”; “aprendi coordenação motora fina e grossa”; “tenho noção temporal e recebo muitos conhecimentos”; “tive boa base”; “estou aprendendo bem os conteúdos”. Estes conteúdos citados podem ser encontrados ao consultarmos o site da Secretaria de Estado de Educação, onde também podemos ver que:

“consideramos que os alunos, em processo de formação docente para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, precisam se apropriar de pressupostos teóricos e metodológicos do campo da Educação Física, tendo como base o movimento no contexto pedagógico, para fundamentar seus saberes, práticas, e intervenções pedagógicas. Tal priorização visa a capacitar o professor para utilizar o movimento como recurso pedagógico no âmbito educacional, e não formar professor de Educação Física, tampouco substituir sua ação nestas modalidades de ensino.” (SEEDUC-RJ, 2013).

Três alunos (7,5%) mostraram-se preocupados e disseram que “poderiam trabalhar apenas com crianças pequenas” e que isso “seria muito difícil”. Um entrevistado (2,5%) afirmou que estava preparado apesar de odiar a disciplina. Dos que disseram não estarem preparados (17,5%; n=7), cinco justificaram suas respostas afirmando que ainda não tiveram todo o conteúdo e que precisam aprender mais. Um aluno (2,5%) não respondeu. A dicotomia entre a teoria acadêmica e a prática na sala de aula vem sendo pesquisada mais profundamente nos tempos atuais, pois essa relação deve ser minimizada para dar tranquilidade ao professor iniciante (SISSI e SOUZA, 2011).

Na questão seis: “Qual metodologia de ensino você conhece e qual pretende utilizar futuramente?” buscamos compreender a percepção do futuro professor generalista quanto à sua formação didático-pedagógica para lecionar educação física e na sua prática como professor regente. Quanto às metodologias que conheciam, observamos que uma boa parte dos entrevistados (40%; N=16) desconhecem o que são metodologias. Ou falaram claramente que não sabiam (17,5%; n=7), ou citaram coisas sem sentido (22,5%; n=9) como: “quadra, sala e materiais”, “aulas teóricas e práticas bem lúdicas”, “alfabetização”, “aluna que participa com o professor” e “primeiros socorros”. Conseqüentemente também terão dificuldade para usar as metodologias de ensino em educação física. Já as teorias metodológicas (60%; n=24) que foram enumeradas pelos normalistas que conheciam os métodos de ensino, temos: o método *tradicional* (22,5%; n=9), a teoria construtivista (27,5%; n=11); e a psicomotricidade (27,5%; n=11) como as mais citadas.

Na questão sete: “Quais benefícios pedagógicos seus alunos podem obter com as suas aulas práticas de educação física?” Entendemos que o normalista demonstra que realmente compreende os métodos pedagógicos, a partir do momento em que ele sabe quais benefícios seus alunos podem alcançar. A maioria dos entrevistados (65%; n=26) conseguiu responder à questão, mas quatorze alunos (35%) não sabiam quais ganhos a prática sistemática da educação física, nos anos iniciais, seus alunos conseguiriam alcançar. Corroborando com a resposta anterior, pois dezesseis (40%) alunos não souberam, na prática, ou na teoria, o que são metodologias.

Entre os alunos que responderam algum benefício nesta questão, (n=26), tivemos vários citando a psicomotricidade (42,5%; n=17) como um dos ganhos com as aulas de educação física. O que já seria esperado, visto que foi muito citada na resposta anterior (teoria pedagógica que conhecem e que aplicarão). A socialização, o respeito às regras e aos colegas aparecem logo a seguir, com quinze alunos citando-as (37,5%). Temos também o pensamento de que a saúde, o desenvolvimento corporal e a melhora do metabolismo seriam um dos benefícios pedagógicos que os alunos dos anos iniciais conseguiriam com a prática de educação física, sendo citados por oito normalistas (20%). E por fim, cinco entrevistados disseram que a educação física é coadjuvante para ensinar outras matérias e conteúdos aos seus futuros alunos (12,5%). A educação física na década de 80 foi amplamente massificada com a ideia de “corpo domado”, onde as tendências higienistas das classes dominantes buscavam controlar a classe trabalhadora pobre com ideias de controle do corpo, saúde e esporte e beleza estereotipada. Os alunos das escolas públicas deveriam ser dóceis, obedientes, adestrados, pois esse se tornaria um cidadão dócil (VOTRE, 1993)

Na questão oito, “Você concorda com a lei 7195/16, que obriga que as aulas de educação física, sendo públicas ou privadas, da educação infantil, fundamental ou médio, sejam dadas por professor especialista, licenciados em nível superior? Por quê?” investigamos se os entrevistados estão atualizados quanto às leis que regulamentam o ensino de educação física nas escolas e se isso pode desmotivá-los com a realidade educacional vigente, constituindo uma influência em sua futura prática como professor generalista. A maioria dos entrevistados (77,5%; n=31) concorda com a lei 7195/16 que prevê que as aulas de educação física escolar, em todos os níveis, sejam dadas por professor especialista, de ensino superior. E as justificativas são variadas: “*são mais preparados*” (27,5%; n=11), inclusive tendo um “*conhecimento mais abrangente do corpo humano, podendo identificar melhor e resolver dores musculares, torções...*” (17,5%; n=7); “*métodos para não prejudicar o aluno*” (n=1); tem “*mais experiência*” (7.5%; n=3); “*sabe o que está dizendo*” e “*como passar o conteúdo*” (5%; n=2); “*sabem tudo que o aluno precisa*” (n=1); “*conhece mais atividades e pra que servem*” (5%; n=2). Chamamos a atenção para duas respostas que podem demonstrar uma desmotivação com sua futura prática educacional, que são: “*normalista acha que sabe, mas só reproduz o que ouviu*” e os professores especialistas em educação física “*sabem lidar com situações que o professor comum não sabe*”. Um entrevistado disse que concorda com a lei, mas não “*acha que deveriam ser obrigatórios no ensino médio*”. Quanto aos nove entrevistados restantes (22,5%), cinco (12,5%) disseram que não conhecem a lei, (7.5%; n=3) disseram que o curso normal os torna aptos para ministrarem educação física para educação infantil e primeiro segmento, e por fim, outro entrevistado (2,5%; n=1) disse que não concorda com a lei, porque “*os normalistas são melhores que os professores especialistas em educação física*”.

CONCLUSÃO

Apesar da maioria dos entrevistados dizer que está motivada com as aulas de educação física, os motivos citados para isso foram relacionados ao professor que ministra a aula e sua metodologia e não com questões como gostar da disciplina ou de praticar as aulas por si mesmas.

Embora a maioria soubesse sobre metodologia de ensino e seus benefícios, um número grande de alunos ainda a desconhece, o que poderia influenciar negativamente na futura prática de ensino desses professores generalistas, culminando em uma desmotivação para sua prática. Além disso, os que conhecem, acreditam que a educação física é um meio para se ensinar outras matérias e não um fim.

Os alunos, em sua grande maioria, concordaram com a lei 7195/16, o que demonstra que a referida lei pode vir a influenciar positivamente a sua prática docente, sendo um motivo para a motivação dos mesmos. Mas nem todos os alunos estavam atualizados com a lei 7195/16, visto que alguns disseram ainda desconhecer-la.

Mais estudos se fazem necessários para melhor aprimorar a metodologia de ensino da educação física dos professores generalistas, visto que a lei 7195/16 é obrigatória somente no Estado do Rio de Janeiro. Em acréscimo, a elucidação quanto à influência da efetivação da lei 7195/16 e seus desdobramentos, na qualidade das aulas ministradas na educação infantil e anos iniciais do primeiro segmento são de extrema importância, visto à recente obrigatoriedade de implantação da referida lei.

REFERÊNCIAS

ALERJ, Lei nº 7195 de 07 de janeiro 2016 - Lei Ordinária. Diário Oficial Do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 7 jan 2016.

Baixada Fluminense no Ideb: Municípios mantêm escolas precárias e notas ficam abaixo da meta. Extra Online, publicado em 14/09/14 6 horas. Atualizado em 14/09/14 08:17. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense-no-ideb-municipios-mantem-escolas-precarias-notas-ficam-abaixo-da-meta-13930021.html>

BRASIL, Congresso. Senado. Resolução CNE/CEB nº 7, DE 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez 2010.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Base. Portal.mec.gov.br, seesp.

BRASIL, Lei nº.10793, de 1 de dezembro de 2003 - 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1 dez. 2003.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 16/2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Homologado no despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de 17/8/2001, Seção 1, p. 46.DF.

BRASIL, SEEDUC. Resolução no.4746 de 30 de novembro de 2011, da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro, 30 nov. 2011.

BRANDL, C.E.H.; BRANDL NETO, I. A Importância do professor de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v.13, n.2, p. 97-106. Jul./dez. 2015.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. *Revista da Educação Física*, Maringá, v.11, n.1, p. 97-105, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor, 2012.

DAOLIO, J. *Educação física escolar: uma abordagem cultural*. In: PICCOLO, V.L.N. (Org.). *Educação física escolar: ser...ou não ter?* Campinas: UNICAMP, v.1, p. 49-57, 1993.

DAÓLIO J. *Educação física escolar: Em busca da pluralidade*. *Revista Paulista de Educação Física*: São Paulo. Supl.2, p. 40-42, 1996.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

GALLAHUE, D.L., DONNELLY, F.C. *Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Phorte, 2008.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. *Concepções abertas no ensino da educação física*. Rio de Janeiro: Ed. Ao livro técnico, 1986.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. In: Faustini, Loyde A. (coord.). *Temas Básicos de Educação e Ensino*. São Paulo: EPU, 1986. 98p. Cap. 1,2,3,4. p.1-53.

MARZINEK, A. A motivação de adolescentes nas aulas de educação física. Tese, (Mestrado em Educação Física). Brasília: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd105/motivacao-de-adolescentes-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>.

MARTINS JUNIOR, J. O professor de Educação Física e a Educação Física Escolar: Como motivar o aluno? *Revista de educação física/UEM*, Paraná, V. 11, n.1, p. 107-117. 2000. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3805>.

MELLO, A. M. de. *Psicomotricidade, educação física e jogos infantis*. São Paulo: IBRASA, 1989.

OLIVEIRA, A. B. Metodologias emergentes no ensino da educação física. *Revista da educação física/UEM*. Paraná, 8(1):21-27, 1997. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3868>

PIZANI, J; et al.(Des)motivação na educação física escolar: uma análise a partir da teoria de autodeterminação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Paraná, 38(3), p. 259-266, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n3/0101-3289-rbce-38-03-0259.pdf>*

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Educação. *Currículo Mínimo, Curso Normal – Educação Física, 2013.* Disponível em: www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=1436572.

SISSI, A.M.P.; SOUZA, G. M. C. Educação Física Escolar: Elementos para pensar a prática educacional. São Paulo: Phorte, 2011.

SOLER, Reinaldo. *Educação Física Escolar*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SOUSA, C. B; MOURA, D. L.; ANTUNES, M. M. A percepção de professores polivalentes regentes do ensino fundamental sobre a educação física. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Revista eletrônica do RBCE. Brasília, vol.38, n.4, p.376-383; 38(4) 376-383. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01012892016000400376&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02. Fev. 2018.

VOTRE, S.(Org.). *Ensino e Avaliação em Educação Física*. São Paulo: IBRASA,1993.

ZAINKO, M.A.S.; PINTO, A.; BETTEGA, M.O.T. A Política de Formação de professores para a escola Básica no Brasil: Novos Rumos, Nova Prática? *Revista Diálogo Educacional, Paraná, v. 2 - n.4 - p.35-46 - jul./dez.2001.* Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3853>